

Belga que levou computador à escola quer melhores salários

PORTO ALEGRE — Com 49 anos de Brasil, o belga Ernest Sarlet chegou à Linha Giruá, em Santa Rosa (RS), três anos depois do fim da 2ª Guerra Mundial. Quatro meses mais tarde, começou a alfabetizar colonos. Em 1983, foi o responsável por uma das primeiras experiências brasileiras de levar o computador à criança da periferia de Novo Hamburgo. O belga começou com um equipamento. “Após 10 anos, tínhamos 70 computadores”, lembrou. O professor, de 63 anos, esteve à frente da Secretaria de Educação da cidade por 10 anos. Nesse período, investiu 27% da receita municipal em Educação.

Hoje, Sarlet investe em outro front: é o coordenador do projeto de educação da empresa Azaléia, de Parobé (RS). Lá, 552 meninos e meninas, filhos dos funcionários, cursam o 1º grau na escola da própria empresa. Dois mil funcionários fazem supletivo e, quem quiser, recebe aulas de Infor-

mática e Inglês. Cada professor contratado ganha cinco vezes mais que os docentes da rede estadual. A receita de Sarlet para uma boa educação inclui a troca de projetos faraônicos por melhores salários para professores.

Acampamento — Nem prédio nem professor remunerado existe no acampamento de sem-terra de Júlio de Castilhos, a 394 quilômetros de Porto Alegre. Sob as árvores, 250 alunos recebem aulas diariamente. Não há classes e, quem não leva seu próprio banquinho, senta no chão. Duas professoras e 12 voluntárias ministram as aulas.

“Os pais não se conformavam que seus filhos perdessem dois anos de colégio”, relatou a professora Bianca Knack. Quando o acampamento acaba, os alunos fazem uma prova para ingressar na rede. “Nem sempre se consegue o teste, porque nosso trabalho não é reconhecido”, afirmou.

SEM-TERRA MANTÊM ESCOLA EM ACAMPAMENTO

Adolfo Gerchmann/AE



Professora melhorou rendimento de alunos: prêmio de incentivo